**ATA DE REUNIÃO ORDINARIA DO FÓRUM ONGS AIDS DO ESTADO DE SÃO PAULO.**

**Julho de 2016.**

Ao quinto dia do mês de Julho de Dois Mil e Dezesseis as 09 horas na Rua Formosa 99 no décimo segundo andar no Sindicato dos Comerciários – Nesta terça-feira (5), durante a reunião ordinária do Fórum de ONGs/AIDS do Estado de São Paulo (Foaesp), colegiado que reúne mais de cem instituições com atuação na luta contra a AIDS, com a participação do coordenador-adjunto do Programa Estadual de DST/ AIDS de São Paulo e sanitarista, Arthur Kalichman e da infectologista e gerente de assistência do Programa, Cláudia Binelli, os militantes discutiram a respeito da qualidade dos medicamentos disponíveis no Brasil para tratar as pessoas vivendo com HIV.

O tema é uma cobrança constante que os ativistas fazem ao governo, principalmente, por conta dos efeitos colaterais que remédios podem causar ao paciente. **Arthur Kalichman** concordou que o esquema atual de tratamento, ofertado como primeira linha, não é o melhor do mundo, mas com relação ao 3 em 1, composto pelo efavirenz, tenofovir e 3TC (lamivudina), ele afirma que os dois últimos são medicamentos usados pelo mundo todo. “Embora o tenofovir possa causar falência renal, esses dois são os melhores medicamentos para o começo de tratamento. A diferença é o efavirenz e é aí que a gente pode avançar”, disse.

Para os ativistas, as pessoas que não se adaptam ao efavirenz poderiam ter mais opções. **Kalichman** apontou que uma das alternativas seria a incorporação do raltegravir e do darunavir na primeira linha de tratamento, porém esses medicamentos, atualmente, são utilizados pela rede como terapia de resgate. “Sem uma política de negociação de patente ou preço para o Brasil, fica difícil. Uma estratégia bem realista é atender quem não se dá bem, mas isso leva tempo. Nosso medo é deixar de beneficiar uma quantidade grande de pessoas porque demonizam o tratamento. Hoje, 70% das pessoas em tratamento com efavirenz se dão bem com o medicamento”, defendeu **Kalichman.**

**Rodrigo Pinheiro**, presidente do Foaesp, afirmou que o movimento de AIDS não é contra a adesão ao tratamento, mas que o Brasil está atrasado em relação a outros países. “Queremos o melhor tratamento e melhores medicamentos. Também queremos que os pacientes saibam os efeitos colaterais dos remédios que estão tomando. Não é todo o médico que explica isso para o paciente. Ele precisa saber. Isso é um direito”, afirmou Rodrigo Pinheiro.

**Cláudio Pereira**, presidente do GIV (Grupo de Incentivo à Vida), concordou que é preciso negociar os custos dos remédios, mas apontou que outros países já incorporaram o dolutegravir como primeira linha, inclusive, para quem não paga por ele. “No Brasil, temos desvios e roubos em extensões fabulosas. Usar fatores econômicos como argumento é inaceitável. Vocês reclamam da judicialização, mas não nos oferecem aquilo que podem. O que precisa ser feito é acabar com os desvios e não cortar da saúde” criticou **Cláudio**.

O sanitarista contou que antes os médicos precisavam se preocupar com o momento de iniciar a terapia com antirretrovirais, mas hoje a preocupação é com a qualidade do medicamento. “O PCDT [Protocolo Clínico de Diretrizes Terapêuticas] colocou mais gente em tratamento. Só achamos que o PCDT tronou algo que tínhamos flexibilidade em um esquema rígido”, afirmou **Arthur Kalichman** que enfatizou: “Como Programa, nós vamos garantir o que temos e lutar pelo que não temos”.

Por outro lado, **Cláudia Binelli** explicou que, embora exista a orientação a respeito dos medicamentos que devem ser ofertados na primeira linha, o médico deve acompanhar o histórico do paciente e conversar com ele. “O profissional precisa saber combinar receita com a pessoa. Todo o histórico tem que ser considerado”, disse a infectologista.

**Outros temas**

Os ativistas também trocaram informações a respeito do Decreto 61981/2016, que estabelece o regime jurídico das parcerias com organizações sociedade civil. Falaram sobre a 21ª Conferência Internacional de AIDS, que acontece entre os dias 18 a 22 de julho, em Durban, na África do Sul, para a qual Rodrigo Pinheiro foi eleito como representante do colegiado pela diretoria do Foaesp. Ainda, em resposta a uma cobrança do ativista **Betinho Pereira**, do Projeto Bem Me Quer, sobre a falta do medicamento aciclovir na rede, **Arthur Kalichman** afirmou que uma nova licitação com outro laboratório já foi feita e que agora o processo está em fase de empenho, ou seja, pagamento.  Sem mais nada a apresentar **o Sr Rodrigo** dar por encerrado a Reunião e Agradece a Presença de Todos, Eu **Lourival Alves** **da Costa** Li e redigi a seguinte Ata.

**Rodrigo Pinheiro Souza. Lourival Alves da Costa.**

**Presidente do Foaesp. 2° - Secretário**